

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO**

**GABRIELA BAESSO NOLA**

**RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE:  
A IDENTIDADE REFLETIDA NA CRIAÇÃO E FRUIÇÃO DO OBJETO ARTÍSTICO**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2012**

**GABRIELA BAESSO NOLA**

**RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE:  
A IDENTIDADE REFLETIDA NA CRIAÇÃO E FRUIÇÃO DO OBJETO ARTÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Carlos dos Passos Paulo Matias

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2012**

**GABRIELA BAESSO NOLA**

**RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE:  
A IDENTIDADE REFLETIDA NA CRIAÇÃO E FRUIÇÃO DO OBJETO ARTÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas

Criciúma, 25 de junho de 2012

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Me. Carlos dos Passos Paulo Matias – UNESC – Orientador**

**Prof. Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre – UNESC**

**Prof. Me. Jeferson Luis de Azeredo – Mestre – UNESC**

**Aos meus amores, Teresa e Vittorio, para  
que acreditem no conhecimento.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais maravilhosos, Vilmar e Dalvani, pela vida e pela educação que me deram e por estarem sempre presentes na realização dos meus sonhos, tentando sempre fazer o melhor. Agradeço aos meus irmãos, Felipe e Laura, por compartilharem comigo tantos bons e maus momentos e por estarem ao meu lado durante toda a vida. Agradeço aos meus sobrinhos, Teresa e Vittorio, por serem duas crianças maravilhosas, que nos enchem de alegria e orgulho. Aos meus cunhados, Alaenia e Moisés, pelas palavras de apoio nos momentos oportunos. Agradeço a todos os meus familiares, que sempre estiveram disponíveis para dar apoio e amor quando precisei.

Agradeço imensamente ao meu orientador e amigo, Carlos Matias, pelas conversas, pela amizade ao longo da graduação e por aceitar o desafio desta pesquisa. Assim como agradeço aos professores que de uma forma ou de outra estiveram presentes e foram peças fundamentais no meu desenvolvimento acadêmico.

Agradeço aos meus *jovens* amigos, pela amizade de tanto tempo, por fazerem parte de muitos dos melhores momentos da minha vida. Manoli, Yasmin, Luis Gustavo, Janio, Lucas, Evandro, Carlinhos e demais jovens, Obrigada! Agradeço também aos amigos que fiz ao longo da graduação e que, com certeza, farão parte de muitos outros momentos: Valquíria, Alexandra, Evelyn e todos os outros... Muito Obrigada!

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a minha formação e construção desta pesquisa. Muito Obrigada!

**Devo confessar, preliminarmente, que eu não sei o que é belo e nem sei o que é arte.**

**Mário de Andrade, 1938**

## RESUMO

Esta pesquisa, que tem como título: “Relações na contemporaneidade: a identidade refletida na criação e fruição do objeto artístico”, apresenta como problema: “De que forma é possível instigar a participação do espectador em um objeto artístico exposto?”. Utilizo como fonte o levantamento bibliográfico, juntamente com o processo de produção artística. Este trabalho insere-se na linha de pesquisa de Processos e Poéticas, do Curso de Bacharelado em Artes Visuais – UNESC. Fundamento esta pesquisa dialogando com os autores Coli (1990), Canton (2009), Freire (2006), Salles (2009) e Hall (2005) acerca das questões da Arte, Arte Contemporânea, Identidade e processo de criação, relacionando os temas à produção artística, que se utiliza de conceitos contemporâneos, onde o público é parte ativa no processo de construção do objeto de arte. Por meio desta relação entre público *participador* e gesto do artista, dialogo com os percursos da arte contemporânea, em consonância com as novas formas de interação entre arte e público. Uma tela em branco é exposta, com pequenos objetos (alfinetes coloridos), para que os espectadores possam alterar o espaço em branco. Caberá ao público perceber essa possibilidade de interação. Atingindo assim, um dos objetivos deste trabalho, de possibilitar ao espectador participar ativamente do processo criador de um objeto artístico. Concluo esta pesquisa com algumas considerações a respeito das percepções em torno da arte contemporânea e de suas possíveis influências no mundo atualmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte Contemporânea; Processo Artístico; Fruição; Identidade.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tela (Imagem ilustrativa).....	26
Figura 2 – Alfinetes .....	26



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>3 COMO CHEGAMOS AQUI</b> .....	12
3.1 ARTE CONCEITUAL.....	14
3.2 CRISE DE IDENTIDADE.....	16
<b>4 LUGARES DA ARTE</b> .....	18
4.1 CIDADE E AS POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO .....	18
4.2 MUSEU .....	20
<b>5 PRIMEIROS PASSOS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA</b> .....	22
5.1 MOTIVAÇÃO TEÓRICA.....	24
5.2 CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS.....	24
5.3 PROCESSO DE ESCOLHA DOS MATERIAIS .....	25
5.4 POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS.....	27
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	28
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

Os desafios que se apresentam ao ingressarmos na universidade são muitos, as dúvidas maiores ainda. Desde o ingresso no Curso de Artes Visuais, muitos assuntos relacionados ao meio acadêmico despertaram-me o interesse e mesmo sem perceber, um objeto de pesquisa ia delineando-se em minha caminhada acadêmica. Paralelamente à graduação, estive em contato com projetos de extensão e pesquisa, os quais me fizeram crescer como ser humano, somar experiências, conhecimentos e foram meus suportes para uma produção científica mais consistente e embasada teoricamente.

Assim, pude perceber ao longo da carreira acadêmica em que e em quais momentos percebi-me artista, pesquisadora, acadêmica e até mesmo os momentos em que os conhecimentos adquiridos na academia não eram suficientes, então era necessário abrir os horizontes e ampliar o olhar para alcançar o que almejava. Muitos foram os devaneios, encontros e desencontros até que um objeto de pesquisa fosse vislumbrado.

Vejo que essa pesquisa foi motivada principalmente pelos momentos em que a dúvida estava mais presente que a certeza. Acredito que são nesses desencontros com nossas perspectivas e desejos que os caminhos surgem, nos dando ânimo e fôlego para iniciar a jornada.

Dessa forma, tentando encontrar algumas respostas para minhas dúvidas, enquanto acadêmica de Artes Visuais, é que propus esta pesquisa, intitulada: *Relações na contemporaneidade: a identidade refletida na criação e fruição do objeto artístico*. Com o objetivo de perceber as relações que se formam entre a criação e a fruição do objeto artístico, criando vínculos entre artista x obra x público e seus possíveis desdobramentos ao longo da história recente da arte.

Nesse percurso, investiguei de que forma o artista contemporâneo realiza sua produção, principalmente nos espaços em que o objeto artístico está inserido; e em que momento o artista sentiu a necessidade de expor a arte em outros locais, que não fossem os museus e galerias; também como isso aproximou o público e deu novos rumos à arte, chegando ao seu status atual. Tentei também compreender de que forma o público percebe essa aproximação da arte à vida e de que forma a inserção da arte nos espaços públicos, na própria rua, possibilitaram um novo olhar

para as questões que permeiam a arte. Paralelamente à pesquisa, aliando os conhecimentos teóricos e práticos acerca do tema, realizei uma produção artística, que pretende ampliar a pesquisa para além do referencial teórico.

## 1.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, intitulada “*Relações na contemporaneidade: a identidade refletida na criação e fruição do objeto artístico*” tem como problema de pesquisa: “De que forma é possível instigar a participação do espectador em um objeto artístico exposto?”, inscrita na Linha de Pesquisa de Processos e poéticas do Curso de Bacharelado em Artes Visuais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, abordando assuntos relacionados aos elementos de processos de criação, reflexão e poéticas das Artes Visuais.

Esta é uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002, p. 43), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A abordagem é qualitativa, pois “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2004, p. 21).

Por ser uma pesquisa de natureza exploratória, visa proporcionar maior familiaridade ao tema abordado, explorando as características e fundamentando teoricamente os caminhos percorridos. Aliado às pesquisas bibliográficas sobre arte, arte contemporânea e identidade, proponho uma reflexão, relacionando aos meus conhecimentos sobre o assunto, estabelecendo relações entre as linguagens artísticas desde o século XX até os dias de hoje, atrelando a isso o processo criativo, desenvolvendo um objeto artístico que represente e ilustre melhor todo este caminho bibliográfico.

A partir de pesquisa bibliográfica apresento nos capítulos subsequentes os resultados obtidos na pesquisa, dividida em 6 capítulos, onde dialogo com autores pertinentes para o repertório teórico desta pesquisa, Como Coli (1990), Freire (2006), Cocchiarale (2006), Hall (2005), Salles (2006) e Canton (2009). Após a introdução e as informações contidas neste capítulo, contextualizo no terceiro capítulo, a pesquisa: arte; pós-modernidade e identidade, percorrendo os caminhos que direcionaram a contemporaneidade, objeto desta pesquisa.

No quarto capítulo, falo da necessidade dos artistas de saírem do lugar comum, tendo que se expandir para atingir as dimensões sociais que a pós-modernidade traz. No mesmo capítulo apresento também o processo de aproximação da arte e público, na cidade e no museu, momento em que as questões sociais viram “panos de fundo” para o processo artístico e as percepções sociais. O museu está na rua.

No quinto capítulo apresento a produção artística, parte do processo na construção desta pesquisa, em que as questões de arte, arte contemporânea, conceitual e os espaços em que a arte aparece não como apenas comunicadora, mas parte integrante de um universo em que o espectador faz parte da construção de sentidos e relações, lugar este em que o espectador participa ativamente, como forma de conhecimento e expressão.

As considerações finais estão no sexto capítulo. Um espaço para reflexão e possíveis conclusões a respeito da pesquisa e seus desdobramentos.

### 3 COMO CHEGAMOS AQUI

A arte, apesar de estar presente ao longo da formação acadêmica e aparecer em várias situações de nossa vida, pode se tornar um termo bastante contraditório e polêmico, quando o objetivo é encontrar um conceito.

Podemos dizer que arte é pintura, escultura, cinema, mas tentar defini-la, classificá-la, tentando encontrar uma resposta final acerca do tema é empreender uma viagem sem fim, pois, mesmo que possamos afirmar que arte *é isto ou aquilo*, muitas outras respostas surgem na mesma velocidade, umas mais, outras menos contempladoras do tema. Entretanto, possivelmente nos decepcionaremos: “elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única” (COLI, 1990, p. 7). Mesmo assim, podemos acreditar que, diante de uma linguagem artística, as pessoas encontram, mesmo que subjetivamente, uma forma de contemplar e fruir a arte. Como nos afirma Coli, (1990, p. 8) “[...] Se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas” e Canton (2009, p. 12) completa: “A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas”.

O olhar admirativo e contemplativo desperta no momento em que nos deixamos envolver pelo objeto artístico, desejando, não uma resposta pura e simplesmente, mas uma interação entre nossos anseios e questionamentos refletidos na mensagem que o objeto artístico nos passa. “[...] podemos dizer que ela [a arte]<sup>1</sup> provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo” (CANTON, 2009a, p. 12)

Antes “de tudo”, ou quem sabe, “com tudo”, as provocações da arte e do artista nos apetezem a desenvolver o olhar contemplativo e porque não, crítico, diante das questões da arte. Esse exercício contribui também para que a arte seja vista como linguagem e expressão de sentimentos, valores, ideais e não como mera representação da realidade. Acreditamos que a arte se apresenta nas mais variadas

---

<sup>1</sup> Destaque da autora

formas e sentidos, cabendo aos espectadores manifestarem suas emoções, por meio da contemplação e valorização da mesma.

Por ser metáfora, a obra não traz uma resposta; mas provoca em nós uma profusão de perguntas que nos faz extrair dela novos, diferentes e mais profundos significados do que o nosso olhar contaminado pelo cotidiano vê sobre nós mesmos, o mundo, ou as coisas do mundo (MARTINS et al, 1998, p. 44).

Através dos tempos e infinitas mudanças de conceitos e paradigmas, viajando pelo renascimento, modernismo, pós-modernismo, para citar alguns movimentos em que a arte se insere, vemos uma constante mudança, no que tange aos compromissos que a arte tem com a sociedade, apesar de que ela sozinha não realiza todo esse trabalho. É necessário que o público esteja envolvido com essas questões, para que aconteça esse encontro com a arte. E, mais do que uma tentativa de explicação da vida, a arte nos transporta para sensações ainda não experimentadas, para momentos de reflexão e encontro consigo mesmo, refletidos no objeto artístico.

Esta, então, é uma das primeiras características da arte: o objeto artístico fala à nossa imaginação, deixa ver/ouvir/sentir o que poderia ser. E, desse ponto de vista, não existe arte verdadeira e arte falsa. Não existe mentira em arte. Porque a arte não existe para mostrar a realidade como ela é, mas como pode ser. E as faces do poder ser são muitas. Daí, muitos tipos de arte. (ARANHA; MARTINS, 1992)

Assim, podemos perceber a arte enquanto representação de um lugar a parte, mas ao mesmo tempo intimamente ligado a nossa vida. Não quer dizer, necessariamente, que a mesma deva se basear em verdades absolutas ou perder-se completamente em devaneios. Penso que o que cabe ao artista, e ao público apreciador, é compreender que a arte tem um papel social, mas também filosófico, desafiador, transgressor. Acredito que, ao longo da história, arte deixou de ser puramente didática e passou a aprender com a vida.

Nesse viés, os artistas e a própria sociedade - de forma mais contida - passam a perceber a inserção das questões contemporâneas na vida de modo geral, desde o nítido processo de globalização até as mudanças no modo de apresentar e considerar a arte. Entretanto, os conceitos e entendimentos de arte

influenciam diretamente na percepção do público: a arte acadêmica, que possui o status de arte *verdadeira*, muitas vezes impede a aceitação de novas formas de arte, principalmente da arte contemporânea: “O que o senso comum entende por arte é a maior dificuldade que se enfrenta para a compreensão da arte contemporânea.” (FREIRE, 2006, p. 7). As noções que o grande público tem de arte muitas vezes acabam por influenciar negativamente a inserção da arte contemporânea no cotidiano das pessoas. “A maioria diz não entendê-la, por achá-la estranha àquilo que consideram arte” (COCCHIARALE, 2006, p. 11). O público, em geral, está mais acostumado com a arte acadêmica e pode parecer difícil desmitificar paradigmas impostos pela arte pré-moderna, como o *belo* ou o *feio*. Isso faz com que os juízos estéticos desenvolvidos no público, ao longo da história, formem barreiras para a aceitação da arte pós-moderna. O fato de o público não estar preparado para receber a arte contemporânea se deve, também, ao fato de necessitarem de uma *explicação* para aceitarem uma obra de arte. “O problema é que as pessoas usam um único verbo: *entender*. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Não se ouve alguém dizer: – eu não consegui *sentir* essa obra”. (idem p. 14). E talvez seja isso que a arte contemporânea propõe ao apreciador: *sentir*. Compartilhar suas experiências com o objeto artístico, deixar-se invadir pelas sensações, “soltar o olhar que nos prende” (ARROYO, 2000, p. 149) para poder fruir a arte.

A arte não nos dá respostas, mas nos faz pensar, e é a partir do momento em que nos permitimos sentir e nos deixamos tocar que a arte encontra uma ligação ainda maior com os temas relacionados às pessoas e à vida. “O artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas”. (COCCHIARALE, 2006, p. 14)

Cada momento na arte é único, transporta o espectador para dentro do objeto artístico, onde esse intercâmbio de sensações, emoções, despertares, traz à tona a efemeridade, o passageiro e convida o público a se envolver com a obra.

### 3.1 ARTE CONCEITUAL

Nessa vertente, desde a segunda metade do século XX (FREIRE, 2006), aproximadamente, a arte parece não pertencer mais aos antigos espaços

expositivos que a cercavam. Nasce a necessidade de se expandir, encontrar morada em lugares que se aproximem dos verdadeiros consumidores dessa “nova” arte: o público que ainda não a conhecia, mas que se torna peça fundamental na sua realização. Como tratar de arte e vida se o público não a compreendia? Assim surge a Arte Conceitual, movimento de grande importância dentro da arte contemporânea para tratar desses temas: “A Arte Conceitual problematiza justamente essa concepção de arte, seus sistemas de legitimação, e opera não com objetos e formas, mas com ideias e conceitos” (idem p. 8).

E, na contramão dos antigos preceitos sobre arte e obras de arte, a Arte Conceitual quebra paradigmas, com o intuito de renovar o entendimento e compreensão na arte contemporânea.

Em vez da permanência, a transitoriedade; a unicidade se esvai frente à reprodutibilidade; contra a autonomia, a contextualização; a autoria se esfacela frente às poéticas da apropriação. [...] tais contradições abalam as estruturas do sistema de arte [...] (idem p. 9)

As vanguardas artísticas já anunciavam uma significativa mudança nas artes e, logo após, muitos artistas, grupos artísticos e críticos já apresentavam esse cenário em suas produções. Lucy Lipard, crítica de arte norte-americana chamou de “desmaterialização da obra de arte”. A arte contemporânea se volta para o mundo real. (idem).

A arte contemporânea, de modo inverso e na contramão [...], esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida. (COCCHIARALE, 2006, p. 16).

É inegável que a arte se vê refletida na sociedade, afinal é feita por e para as pessoas, mas de que forma a sociedade compreende e assimila essas mudanças sociais? As mudanças que fragmentam as concepções de sociedade são vistas em vários setores, como raça, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade... (HALL, 2005). “Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais,



abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (idem p. 9). A crise de identidade se apresenta para a sociedade que busca compreendê-la e adaptar-se a ela.

### 3.2 CRISE DE IDENTIDADE

O final do século XX se torna um marco na revolução da sociedade, quebrando paradigmas que não refletem mais o atual cenário social. A busca de uma identidade está cada vez mais relacionada às experiências do sujeito do que propriamente à sua cultura: aquela que passa de geração a geração, que depende, não do sujeito, mas de tradições e paradigmas. O indivíduo se percebe em meio a um turbilhão de novas sensações e mudanças, onde “as noções de sujeito, de indivíduo, de identidade, de unidade estão visivelmente em crise” (COCCHIARALE, 2006, p. 18). Essa crise, onde a ideia de sujeito unificado começa a se romper, dando espaço à formação de redes, criando ligações, encurtando distâncias, derrubando fronteiras, fragmentando a noção de unidade, é percebida em vários campos da vida, tanto socialmente, quanto internamente, no momento em que as pessoas se veem buscando novas referências, tentando fugir do senso comum. “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 2005, p. 7).

Compreendendo que a identidade se faz através de relações históricas e não biológicas (idem 2005), o sujeito percebe que sua identidade não é fixa, imutável e que a mesma pode e deve ajustar às relações sociais que estão sempre em expansão, inclusive, desde o advento dos meios de comunicação que “aproximaram” as distâncias.

Pode se acreditar que há uma destruição, uma metamorfose, da identidade, levando-se em consideração que a cultura regional está cedendo espaço à cultura global, desse modo, é interessante perceber que pode haver um conflito entre os paradigmas estabelecidos e a real incumbência da identidade do sujeito. Segundo Hall (2005) é normal que se estabeleçam no sujeito identidades distintas, em diferentes momentos, afinal, não é natural que o ser humano mantenha estáticos seus pensamentos, desejos e valores ao longo da vida. Cocchiarale (2006, p. 20)

defende: “A ideia de que as pessoas seriam unitárias, sem fraturas ou divisões internas, indivisíveis qual indivíduos, está em crise. O que aparece no mundo contemporâneo é a possibilidade de uma nova noção de pessoa, fragmentária”, e Hall (2005, p. 13) completa: “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.

As relações estabelecidas entre o sujeito e o mundo são muito maiores que as possíveis significações e representações internalizadas. “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’” (HALL, 2005, p. 13). De certa forma, o ser humano se adapta a uma maneira de viver e acredita que a mantém ao longo da vida e muitas vezes, imagina que não poderá mudá-la, pois poderá significar a quebra de valores, de sua *identidade*. Porém, faz parte da natureza humana e por assim dizer da identidade, que ocorram mudanças. Os antigos costumes dão espaço a novas maneiras de agir e pensar, uma nova crença não se sobrepõe a outra, mas a acrescenta, dá novos rumos, criando novos paradigmas para que logo a seguir os mesmos possam ser quebrados e assim sucessivamente, em uma cadeia de desenvolvimento e criação ininterrupta.

Estar no mundo em constante expansão e evolução é fazer parte desse movimento rizomático, que une as mais diferentes e divergentes formas de existir em um só sistema, criando redes de informação, conhecimento e cultura. Não é necessário se prender a um modo de pensar sua própria identidade, pois as identidades são cambiáveis, podem e devem ser multiplicadas e expandidas. Assim como a arte que passou por diversas mudanças, mudou inclusive de *casa*.

## 4 LUGARES DA ARTE

### 4.1 CIDADE E AS POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO

Ao falar de lugar da arte, logo me vem à mente um local que sempre me despertou muito interesse: a cidade. Desde a infância, período em que mudei de endereço algumas vezes, até a adolescência em que conheci várias cidades, seja a passeio, estudo ou a trabalho, percebi que a cidade despertava meu interesse, não somente a arquitetura, as pessoas, paisagens etc. Era algo que nem eu sabia explicar, mas que me encantava, em muitas situações eu ainda não consegui apresentar com palavras meu sentimento contemplativo e admirativo diante das minhas vivências e experiências, mas ao longo de minha carreira científica, encontrei meios de compreender esses sentimentos.

Ao pensar na arte no espaço urbano, é preciso situar a cidade como “o lugar do efêmero, da transitoriedade, da circulação das massas, dos encontros e desencontros com o estranho, onde não seria possível visualizar qualquer ordem” (SOUZA; CRIPPA, 2009, p. 61). Nesse contexto a cidade se apresenta como espaço de apropriação do sujeito, que cotidianamente interage com ela. Dessa forma, o fazer artístico na cidade se apresenta intimamente ligado à percepção do sujeito e é dessa interação que se faz a arte.

Calvino (1990, p. 14) escreveu que “a cidade é feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado. Ela se embebe como uma esponja que refluí destas recordações e se dilata”. Na cidade, mesmo que de forma subjetiva, muitas vezes me encontrei com meu passado, tentei entender o presente e vislumbrei um futuro. Não que a cidade tenha me dado respostas concretas, ou até mesmo que ela as tenha, mas desenvolvi um olhar diferente, pequenos devaneios que descobri terem nome: *flaneur*<sup>2</sup>:

Este estabelece com a cidade outro nível de relação, uma cumplicidade que decorre do ritmo próprio com que a percorre, e dos olhos poéticos com que perscruta a alma de seus habitantes. A cidade contém os segredos deles.

---

<sup>2</sup> “É um observador que caminha tranquilamente pelas ruas, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, sem se inserir na paisagem, que busca uma nova percepção da cidade”. Demais informações podem ser encontradas em:

<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/2%20-%20o%20novo%20fl%C3%A2neur.pdf>

[...] A cidade extrapola a ânsia de ser verossímil. As relações intrincadas que agasalha são um convite permanente ao mergulho. Não se pode compreender o homem da cidade fora dessa rede que o engole e embala, que se inventa na mente a partir de detalhes, caminhos de cidades já vistas e de outras, nunca visitadas. (NOGUEIRA, 1998)

A globalização apressa as pessoas, estão todos atrasados, preocupados, indisponíveis, mesmo assim, sem perceber - ou saber conceituar -, cada indivíduo tem em si um pouco de *flaneur*. Nas longas viagens ao trabalho, muitas vezes no transporte público, nas poucas oportunidades de passear e sentir a cidade. É assim que a arte contemporânea, aos poucos se insere no cotidiano das pessoas, discretamente, ou melhor, da forma que acha mais adequada, enquanto o sujeito aceita as mudanças e aos poucos vai se tornando espectador. Ao realizar esta pesquisa, percebo que a arte não está restrita aos espaços consagrados de arte e que a mesma pode ser descoberta através da educação do olhar, desenvolvida em cada um, se distanciando do senso comum que muitas vezes apresenta a arte como elemento invisível aos leigos.

É essa legião de anônimos, esse mundo de aglomerações, é, afinal, nosso próprio espelho, e nele se refletem múltiplas facetas. É a síntese da nossa história, torta e repugnante, emocionante e inesperadamente bela. (CANTON, 2009, p. 22)

Espaço de transitoriedade, cabe a cada um despertar o olhar do estrangeiro, que “[...] é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber [...]. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais” (BRISSAC, 1990, p.363 apud MOURA, 2005), além de perceber que a arte está próxima à nossa vida, estreitamente ligada ao nosso cotidiano, nos dando possibilidade de interagir, recriar, interferir e principalmente, vivenciar e fruir a arte. Ao sair do museu a arte já se aproxima de forma expressiva do público... Ser aceita pelo mesmo já é outra história.

## 4.2 MUSEU

Apontado como o vilão da arte contemporânea, o museu na realidade deve ser visto como aliado na apreciação de arte, pois:

o que mantém um museu vivo é a relação dinâmica com a sociedade, portanto, museus não são instituições permanentes, mas práticas sociais colocadas a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, que podem nascer, crescer e morrer (Chagas, 2005 apud LEITE, 2006, p. 75).

Creio que o receio que se criou a respeito do museu, vem de seus primórdios no Renascimento, onde o acesso era garantido apenas à alta classe, que precisava de espaços apropriados para realizar apresentações e compra das obras de arte. (PROENÇA, 2005). Entretanto, como abordado anteriormente, os pensamentos de séculos atrás ainda influenciam fortemente alguns paradigmas atuais. Assim como a arte mudou, o acesso aos locais de exposição artística também deveriam seguir este curso. As principais dificuldades que percebo nas exposições e museus em que fui é a formalidade exagerada em algumas ocasiões. Muitas fitas e marcações proibitivas, funcionários nem sempre receptivos, entre outros aspectos que influenciam negativamente a reputação dos museus.

Se por um lado se apresenta a arte livre, a interação com o público, a possibilidade de fruir a arte, por outro, os esquemas de segurança e até mesmo a clima imponente de alguns lugares impedem a aproximação do público, que por outro lado, também desconhece os códigos da arte e tem receio de adentrar nesses espaços.

Por este caminho também encontramos a figura do mediador que se apresenta como uma ligação entre a arte e o público, por exemplo, mas que também pode atuar nas mais diversas situações.

A ideia de mediação acaba por cobrir coisas tão diferentes entre si, que vão das velhas concepções de “atendimento ao usuário” à atividade de um agente cultural em uma dada instituição – museu, biblioteca, arquivo, centro cultural –, à construção de produtos destinados a introduzir o público num determinado universo de informação e vivências (arte, educação, ecologia, por exemplo), à elaboração de políticas de capacitação ou acesso às tecnologias de informação e comunicação, etc. Desse modo, uma definição consensual de mediação parece impraticável: sempre contextualizada, torna-se um conceito plástico que estende suas fronteiras para dar conta de

realidades muito diferentes entre si (ALMEIDA, 2007 apud SOUZA; CRIPPA, 2009, p. 64).

Apesar de ter uma função bastante necessária na relação entre arte e público, o ato de mediar é também muito polêmico. Se por um lado Pinto (2010) acredita que “o mediador não é aquele que nos oferece dados e respostas, mas sim a figura que nos instiga a pensar aproximações de nosso repertório em relação ao universo das imagens”, Cocchiarale entende o processo de mediação como um *assassino* da fruição: “A explicação assassina a fruição estética, já que ao reduzir a obra a uma explicação mata sua riqueza polissêmica e ambígua, direcionando-a num sentido unívoco” (2006, p. 14).

Acerca desta polêmica envolvendo o ato de mediar, penso que não basta optar pelo haver ou não a mediação em espaços expositivos, mas sim que se pense uma política real e possível de envolvimento com o público, sem aprisionar os conceitos em uma única esfera, mas ao mesmo tempo que possa auxiliar na construção significativa desta relação.

Em relação à importância dos museus e do acesso ao público não tenho dúvidas que se faz necessário. Pode ser que algumas mudanças sejam necessárias, tanto das instituições que pensam as políticas museológicas, quanto das pessoas que frequentam os museus. O caminho a ser percorrido é longo, mas já percebemos significativas mudanças, como por exemplo, o acesso aos museus universitários<sup>3</sup>, por exemplo, que normalmente estão alocados em espaços próximos à passagem do público e da comunidade em geral, mesmo passivamente, há algum contato com o museu.

Para contribuir nesta questão de aceitação dos espaços expositivos, locais, também, de arte contemporânea, proponho no capítulo 5 uma produção artística, unindo esses dois universos.

---

<sup>3</sup> Cito aqui o Museu Universitário da UNESCO, que apresenta acervos de Arqueologia, Botânica, Zoologia, Centro de Memória e Infância. Mais informações em: <http://www.bib.unesc.net/muesc/>

## 5 PRIMEIROS PASSOS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Ao mesmo tempo em que faço essa pesquisa, me pergunto se meus objetivos foram atingidos. Não só os objetivos específicos deste trabalho, mas também meus próprios anseios, enquanto acadêmica, pesquisadora, artista e espectadora. Digo isto, pois percebi que em cada momento uma dessas ‘pessoas’ esteve mais presente.

Muitas dúvidas suscitaram pelo caminho, momentos de incerteza e receios idem. Mas, por meio da pesquisa percebi que precisamos esclarecer os métodos e formas de se alcançar a resolução do problema, mesmo que isso não aconteça de uma hora para outra. Além de tudo isso, tinha que pensar este trabalho também em forma de produção artística; ser artista! Coisa que até então estava adormecida em mim, pois foram poucos os momentos em que senti que poderia ou gostaria de fazê-lo.

Finalizando a graduação percebo que a Universidade nos aponta caminhos, nos dá as disciplinas, os professores, outras possibilidades de ensino, pesquisa e extensão e até mesmo nos apresenta os amigos. Cada um busca nessas opções enriquecer suas experiências, melhorar seu currículo, criar laços e iniciar uma carreira profissional. Foi assim que me encontrei com a pesquisa pela primeira vez e reuni dados e repertório para finalmente desenvolvê-la. A mais importante de meu currículo.

Diante de minhas inquietações enquanto estudante e espectadora de arte, realizo esta pesquisa tentando, primeiramente, responder meus questionamentos e quem sabe conseguir expandir estes dados para além da graduação. Sendo assim, como parte integrante na construção desta pesquisa no Curso de Artes Visuais – Bacharelado, este capítulo mostra processo de realização de uma produção artística, partindo dos conceitos apresentados até aqui. Destaco novamente o problema de pesquisa, que norteia este trabalho acadêmico: “De que forma é possível instigar a participação do espectador em um objeto artístico exposto?”.

Apoio-me em Salles (2009) para compreender e explicitar partes do processo criativo e da produção como um todo. Para a autora, o ato criador é:

[...] um contínuo processo de formalizar a matéria, com um determinado significado e de uma determinada maneira, no âmbito de um projeto estético e ético. Uma ação sensível e intelectual. Um processo que tende para a concretização desse grande projeto do artista [...] (2009, p. 90).

Vejo este processo como sendo realmente um grande projeto, como afirma Salles, um grande projeto que envolve o pesquisador por inteiro, de onde tenta retirar inspiração e embasamento para suas produções. Lugar onde teoria e prática se fundem, dando vida a processos de criação e ampliação de repertório. É nesse momento que me vejo artista, podendo contribuir, pelo menos em parte, na mudança de olhar, possibilitando novas experiências, tanto para o público, como para mim mesma. E por acreditar nesta possibilidade, apresento minha produção artística através do entrelaçamento entre produção e pesquisa, sendo que a primeira apresenta real importância no contexto científico em arte. Zamboni (2006, p. 22), afirma:

É comum se ter a ciência como um veículo de conhecimento: já a arte é normalmente descrita de maneira diferente, não é tão habitual pensá-la como expressão ou transmissão do conhecimento humano. Não obstante, é necessário entender que a arte não é apenas conhecimento por si só, mas também pode constituir-se num importante veículo para outros tipos de conhecimento humano, já que extraímos dela uma compreensão de experiência humana e dos seus valores.

Sendo assim, percebo a produção artística como meio para ampliar os conceitos e atrelar as questões teóricas à realidade, ilustrando melhor os resultados obtidos e o processo de pesquisa e criação. Entretanto, pensar o conceito e os possíveis desdobramentos de uma produção artística pode demandar muito mais que apenas conhecimento teórico. É necessário atentar para os caminhos que se pretende seguir, mesmo que os mesmos sejam incertos.

Dessa forma, relato aqui todo o processo, desde pensar o conceito da produção, que converge com a pesquisa, até encontrar os materiais mais adequados para tornar a experiência do público mais interessante possível. Início este percurso pensando na arte como motivadora principal deste processo, sentindo-me parte deste todo, onde o meu pensar e fazer artístico se funde a uma pesquisa sobre arte, a qual pertence a um âmbito muito maior, mas são esses



pequenos feitos que tornam a vida melhor, ampliam os horizontes, engrandecem nossa visão de mundo.

## 5.1 MOTIVAÇÃO TEÓRICA

A arte sempre teve seu papel didático, digno de apreciação e muitas vezes até devoção. Como vimos anteriormente nesta pesquisa, a arte foi mudando seu status, passando a participar ativamente da vida cotidiana, deixando de lado seu *endeusamento* tão característico. E essa aproximação se deu, em grande parte, pela possibilidade que o público teve de poder participar, tocar, interagir com esses objetos. Sendo no processo criador do artista, sendo na possibilidade de interagir com a obra nos espaços museais e até mesmo quando a arte invadiu o espaço público, se aproximando de vez do espectador. Esse processo se mostrou muito importante no sentido de reavivar a arte, aproximando-a da realidade vivida no mundo atual.

Assim, ao longo do caminhar teórico, percebi que era preciso realizar uma produção artística na qual o espectador fosse parte principal na construção do fruir e se apropriar. Retomo meu problema de pesquisa para auxiliar na elucidação desses passos: De que forma é possível instigar a participação do espectador em um objeto artístico exposto?

## 5.2 CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS

No decorrer do processo criativo surgiram dúvidas, quanto à apresentação da produção e qual seria o momento mais adequado para a interação com o público. Por fim, optei por expor a tela limpa, no momento de apresentação dos trabalhos, pois gostaria de ter uma diversidade de público maior, podendo interferir em minha produção. Acredito que, reunindo um grupo para realizar essa experiência no decorrer da pesquisa, poderia haver algum tipo de mediação não proposital, o que acredito não ser o objetivo, pois proponho que as pessoas tomem a iniciativa de preencher os espaços da tela com os alfinetes. Assim, a partir da minha intenção, convido o público, de forma subjetiva, a participar da construção da obra.

Cocchiarale (2006, p. 33) defende: “Se é a invenção ou a ideia que qualifica a autoria (coisa mental) o artista não mais precisa, necessariamente, fazer sua obra com as mãos”. Além disso, utilizando o embasamento teórico adquirido ao longo da pesquisa, onde percebi que o público deixou de ser apenas espectador, tornando-se *participador* das produções<sup>4</sup>. Favaretto (apud SANTOS, 1999) faz reflexões a respeito dessa questão:

Cada vez mais a arte [...] vai fazer com que o artista seja não tanto o mago criador, mas vai ser o inteligente propositor de situações [...] que vão chamar a interferência dos ex-espectadores, agora participantes ou participadores e ambos, juntos, é que vão configurar o que se chama obra.

Na Arte contemporânea, a intenção passa a ser também um elemento motivador da criação. O artista percebe que a presença de participantes dá humanidade a sua obra, aproxima o espectador, dando mais valor à arte, valor este não somente material, mas filosófico, social e relacional. Penso que essa possibilidade de interação faz o público se sentir mais importante e necessário, frente a uma produção artística. Dessa forma também, o acesso aos centros de exposição de arte se torna mais atrativo, convidativo: “Viver a experiência estética e estética, e não anestésica, é o que podemos aprender e apreender da arte” (FAVARETTO, 1999 apud SANTOS, 1999)

É assim que percebo a função da arte atualmente: convidando o público a fazer parte dela, aprendendo e apreendendo, adquirindo novas experiências, trazendo a arte para sua vida.

### 5.3 PROCESSO DE ESCOLHA DOS MATERIAIS

Querendo garantir uma maior familiaridade do público, utilizei materiais do convívio dos mesmos, pois acredito que na construção de uma relação entre a produção e o espectador, este último deve estar plenamente envolto nas possibilidades que a obra apresenta, mas sem perder de vista o conceito

---

<sup>4</sup> Opto por utilizar o termo *espectador* ao longo da pesquisa por acreditar que o mesmo traga mais familiaridade aos leitores deste trabalho.

estabelecido para cada parte da produção. Os materiais utilizados são: Tela (1m x 1,20m) (Figura 1) e alfinetes coloridos (figura 2)

Figura 1 – Tela (Imagem ilustrativa)



Fonte: <http://galeriagrazinigoes.blogspot.com.br/2011/05/preparo-de-telas.html>

Figura 2 – Alfinetes



Fonte: Acervo da pesquisadora

Partindo do questionamento inicial desta pesquisa e das análises realizadas, observei que minha produção deveria passear pela imaginação e curiosidade do público, para tanto, optei por criar algo que represente esta pesquisa e que ao mesmo tempo, chame os espectadores para participarem do processo. Para tanto, a produção se apresenta da seguinte forma: Uma tela em branco, de 1m x 1,20m, colocada em uma parede da Fundação Cultural de Criciúma, local da exposição deste trabalho. Logo abaixo, em um suporte, vários alfinetes coloridos, à espera da intervenção do público.

#### 5.4 POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS

No desenvolvimento, muitas foram as dúvidas a respeito do sucesso, ou não, dessa produção. Foram muitos momentos de indagação e receio: *Será que esta produção está realmente convergindo com a pesquisa? Será que é a forma mais apropriada de apresentação? E o público, compreenderá o sentido e a intenção?* Entretanto, compreendi afinal, que as respostas não precisam necessariamente surgir ao final da minha pesquisa. Unindo o conteúdo científico à produção artística, lanço um *desafio* ao leitor e apreciador desta produção. Percebo que a arte contemporânea segue este princípio: desafiar a opinião, a percepção, os paradigmas aos quais o público se apegava. Ao apreciar uma produção artística contemporânea, o indivíduo precisa se *desarmar*, se abrir, utilizar seu repertório cultural e suas experiências para sentir, fruir, participar da arte. Cada um de uma forma particular. A arte está presente em muitos campos da vida, muito próxima da vida, cabe a cada um deixar-se tocar.

Pude perceber que de certa forma, esses questionamentos também são feitos pelo público. Faz parte do senso comum ter o receio de tocar nos objetos musealizados; porém o desejo de poder tocar, fotografar, interferir nas produções ficam evidentes. Pode ser que não haja alteração na peça exposta; pode ser que essa interação seja levada para além da minha produção. Entretanto, o que pretendo afirmar com esta pesquisa é que as possibilidades existem, a mudança de comportamento é notória. Portanto, por que não contribuir com a quebra desses paradigmas?

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar, pesquisar, escrever, produzir *em* e *sobre* arte mostrou-se um desafio de grande porte, frente às minhas experiências anteriores. Acredito que só vivendo este momento é que o acadêmico se dá conta do seu feito. Pesquisar, produzir um trabalho científico é mais que reunir autores e citações. É fazer uma incursão em seus sonhos, desejos, anseios, juntamente, é claro, com um grande aparato científico, apoio do orientador etc. Mas mesmo assim, parte de dentro de nós a escolha dos caminhos a serem seguidos. Caminhos estes muitas vezes tortuosos, difíceis de ultrapassar, mas a chegada tende a ser gloriosa. E é isso que nos motiva.

Ao escrever sobre arte, percorrendo sua história, dei-me conta da sua grandiosidade, de sua importância na construção do mundo e do ser humano. Arte pode realmente ser *isto ou aquilo*, mas acima de tudo ela é única. Nos faz pensar, refletir, sonhar... desde que estejamos abertos para estas experiências.

A arte contemporânea surgiu da necessidade que o ser humano tinha de se expressar, soltar as amarras que o prendiam no passado pré-moderno, se livrar do pensamento *quadrado, academicista*. Não que anteriormente a arte não refletisse o mundo, mas era preciso tomar novos rumos. O sujeito pós-moderno é livre, contestador, constrói sua identidade através de ligações com o mundo, não só local ou regionalmente. E a arte contemporânea reflete este novo cenário.

Mas por que a arte contemporânea ainda causa estranhamento? Muitas vezes a realidade pode, realmente, causar temor. Aceitar que a vida está diferente, que o mundo mudou que o local se tornou mundial, é verdadeiramente um desafio. Ver esta mudança e aceitá-la se torna mais difícil. Não tenho a pretensão de mudar o pensamento de todas as pessoas que lerem esta pesquisa, também não acredito que esta mudança se dará *de uma hora para outra*, entretanto, parte de cada um o interesse em buscar o novo, adequar-se a ele e mudar. Nem sempre a novidade é a melhor opção, mas apegar-se somente ao passado dificulta a abertura de horizontes, furtando-lhe a possibilidade de ampliação das experiências e vivências.

A identidade fragmentada também acaba por interferir na visão de mundo do sujeito. A globalização, a construção de redes, por meio da internet e outros grandes meios de comunicação têm grande influência na percepção social que

temos atualmente. Lidar com todos esses aspectos, aceitar as mudanças e diferenças sociais, políticas, raciais e até mesmo as artísticas, esse turbilhão de sensações que invadem nossas relações torna a tarefa dos artistas consideravelmente complexa.

Se o público, inundado de informação e dúvidas, tem um distanciamento significativo da arte, a arte vai atrás deste público nos seus espaços: sai do museu e vai para a rua. A arte perde sua essência de eternidade e brinca com os elementos efêmeros: artistas utilizam água e outros recursos naturais em suas produções; pintam paredes como forma de protesto; utilizam comida para conscientizar sobre os problemas sociais; as proibições dos museus se tornam os principais motivadores nas ruas. As instalações necessitam do público para “funcionar”; outras produções artísticas aproveitam a natureza para se completarem; música, dança, imagem, poesia, fotografia e tantas outras linguagens passam a integrar a construção da *nova arte*; intervenções são vistas em prédios, muros, estradas. Arte deixa de ser estática e se torna dinâmica, pede e necessita da aproximação e envolvimento do público. A arte é para o espectador.

Dessa forma, em consonância com meu problema de pesquisa: “De que forma é possível instigar a participação do espectador em um objeto artístico exposto?” optei por realizar uma produção artística que represente de certa forma, esse anseio dos artistas em conquistar de vez a confiança e apreciação do público. Onde cada um possa interferir, modificar ou até mesmo apenas apreciar o processo de construção de um objeto de arte. No momento em que escrevo estas palavras, não imagino qual virá a ser o resultado deste gesto, onde proponho que os espectadores preencham uma tela vazia com pequenos alfinetes coloridos, no espaço expositivo dos trabalhos de conclusão de curso em Artes Visuais – Bacharelado<sup>5</sup>. No entanto, acredito que, qualquer que seja o resultado, de alguma forma esta pesquisa estará contribuindo com a mudança de pensamento do público. Talvez o não conhecimento dos códigos da arte contemporânea impeça a aproximação de algumas pessoas, e outras, conhecendo ou não essas possibilidades podem se sentir partes integrantes dessa relação existente entre as questões da arte e a fruição do espectador.

---

<sup>5</sup> Vide capítulo 6.2 Construção dos conceitos.

Nesta pesquisa compreendi, enfim, que a arte, feita por pessoas, para as pessoas, mesmo que muitas vezes distante de seu público, busca maneiras de se aproximar, criar relações. Vejo que arte aprende e ensina, motiva e educa, choca e sensibiliza, e mais do que isso, faz sentir, refletir e pensá-la como uma outra forma de se relacionar e perceber o mundo ao nosso redor e outros lugares, muito distantes, talvez até inexistentes, onde só a imaginação é capaz alcançar. Há muito de nós mesmos refletido em uma obra de arte e a recíproca também é verdadeira. O caminho a ser trilhado é longo, mas podemos começar com pequenas ações, em nós mesmos, para podermos realizar grandes mudanças, livres de estereótipos, paradigmas e preconceitos pré-estabelecidos em arte.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. 1 ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1992.

ARROYO, Miguel González. . **Ofício de mestre** : imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000. 251 p

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 71 p.

COCCHIARALE, Fernando. . **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77p.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 11 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. 131 p.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 81 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed São Paulo: Atlas, 2002. 175 p

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

LEITE, Maria Isabel. **Criança, velho e museu**: memória e descoberta. Caderno Cedes. Vol. 26, n. 68. Campinas, Jan-Abr, 2006. p. 74-85.

MARTINS, M.C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. **Didática do Ensino de Arte: A Língua do Mundo**: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 80 p.

MOURA, Hudson. **O exílio e a morte simbólica no cinema e na literatura popular dos homens que viraram suco**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. Portugal, 2005

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **A cidade imaginada ou o imaginário da cidade**. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 1998, vol.5, n.1, pp. 115-123. ISSN 0104-5970. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000100006>>. Acesso em: 04 jun. 2012

PINTO, Júlia Rocha. A mediação cultural e a avaliação no ensino não formal. In: V CICLO DE INVESTIGAÇÃO DO PPGAV. Florianópolis, UDESC, 2010. Disponível em: <<http://ppgav.ceart.udesc.br/VCiclo/artigo19.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2012.

PROENÇA, Graça. **Descobrendo a história da arte**. 1. ed São Paulo: Ática, 2005. 248p.



SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009. 171 p.

SANTOS, Geraldo. **Isto é arte?** São Paulo: Arte na escola, 1999. 1 DVD (12min): NTSC: son, color. (DVDteca Arte na Escola )

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. **A cidade como lugar de memória**: mediações para a apropriação simbólica e o protagonismo cultural. Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.61-72, 07 dez. 2009. Semestral. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em: 04 jun. 2012.

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre a arte e a ciência. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.